

carvoeirinhos

roger mello



A S A S

As asas não sabem dos pés quando os pés pisam na água.
Fingem que não sabem.

Seria bom se fosse tudo só tremer as asas zum-zum enquanto os pés molhados se esquecem de tudo. Depois de secas as asas não fazem mais barulho. Falei que asa de marimbondo não é asa bobona que nem asa de joaninha? Falei. Nem asa pesada como asa de besouro, asa mais inútil. Asa cai não cai como asa de cupim.

Asa de marimbondo é feita de arame e papel de seda.

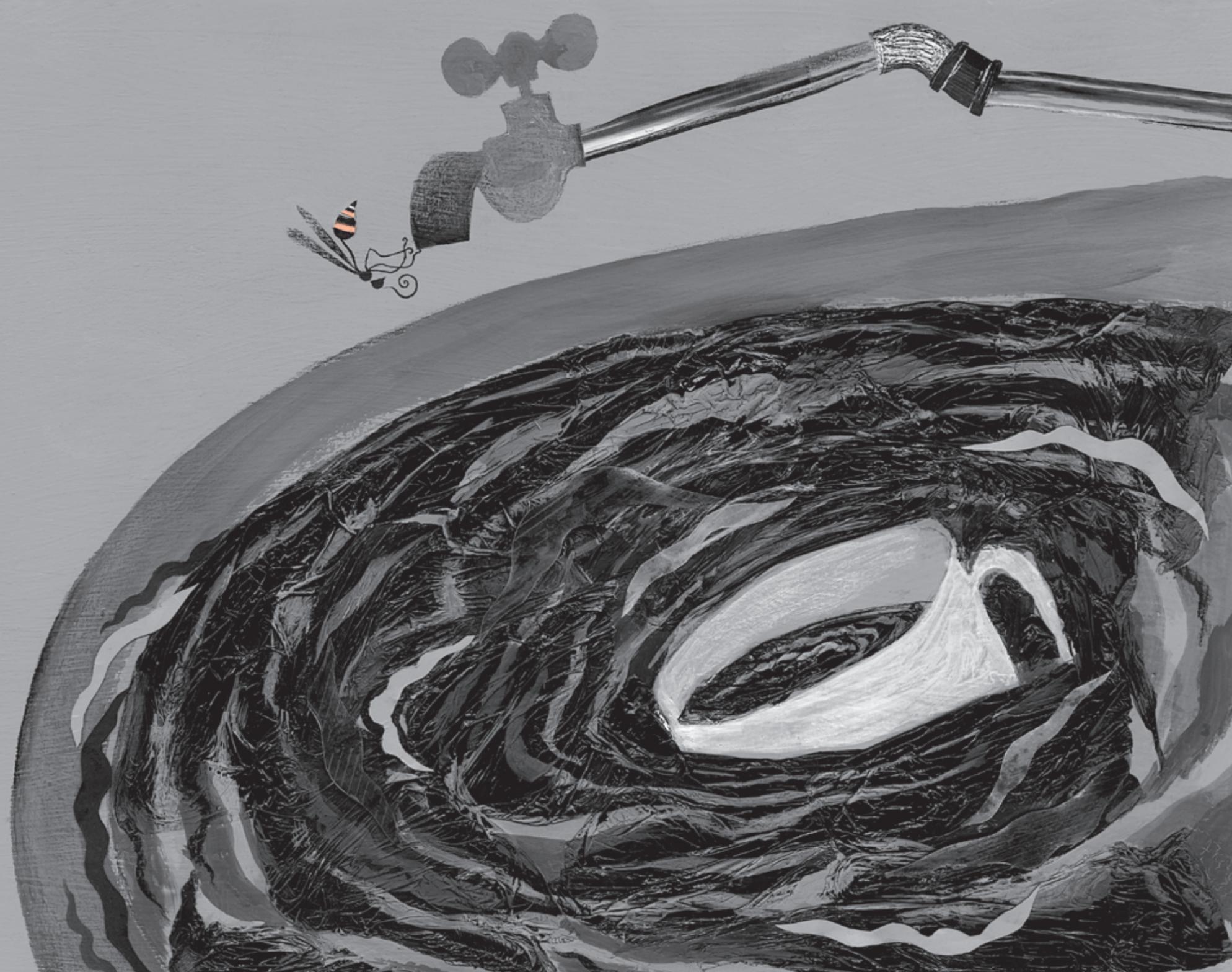
Tá bem, tá bem, não é.

Já sei.

Então fica sendo. Pronto.

A asa é minha, de marimbondo e ponto final.

Quer ver eu mudar de assunto?





Da primeira vez, nos encontramos no tanque de beber água, eu e o menino. Ele estava ocupado com tanta sede. Ele e eu. Eu e ele. Nem bem desenrolei a espiral da minha antena, a outra antena enrolou. O menino puxou a caneca, que saiu pingando. Uma onda marrom me arrastou pra dentro d'água. Azar o meu, que mal tinha acabado de secar minhas asas. O menino afundou a caneca de volta. Sorte a minha. Aproveitei essa outra onda pra me segurar na torneira. Ensaio dois voos tortos pra ver se minhas asas estão secas. Estão. Faço uma bola com uma gota d'água antes que ela escorregue.

Vi meu olho no reflexo na bola. Na mesma bola vejo o menino indo embora com pressa não sei de quê, correndo com o carrinho de mão como se o carrinho de mão vruuuuum fosse uma Ferrari.

Só depois vou entender que não somos tão diferentes o menino e eu. Bebemos água com pressa pra acabar uma casa de barro.

A casa do menino não é uma casa. Quem disse que era? É um forno grande, redondo.

A minha casa é redonda, mas fica de cabeça pra baixo, presa na telha. Fiz a arquitetura dela girando a parede em volta do compasso do meu corpo. Foi sim, fiz com barro e saliva. A minha casa não é pra mim. É um ninho onde eu guardo um ovo, meu menino marimbondo.

A casa do menino não é uma só. Uma fileira de outras casas caminham pro infinito. É uma casa onde se põe lenha pra lenha pegar fogo e depois virar carvão. A casa do menino não é dele, não foi ele quem fez. É a casa do fogo. Mas é a mão do menino que acaba de terminar a parede, tapando os cantos de uma abertura, misturando barro e um pouco de suor contra a parede do forno. Lá dentro, o fogo se espreme, brigando com o barro molhado e brigando com a mão do menino.

Só depois vou entender que não somos tão parecidos, eu e ele. A minha casa guarda um ovo, a casa dele abraça o fogo.

O menino dá uma ré com a Ferrari. Desaparece aqui e ali. Outros fornos já prontos soltam fumaça. Uma fileira deles, doze, dezoito trinta e dois, quem disse? Perdi o fim.

